

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A INVENÇÃO DO HETEROSSEXUAL

### *Eixo Temático ET 13 - Estudos Críticos das Heterossexualidades*

Isadora Luiza Francisca Alves Flores<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho trata sobre a construção discursiva da heterossexualidade, por meio de uma breve revisão bibliográfica que problematiza tal categoria enquanto natural, pré-discursiva. Tendo surgido em finais do século XIX, a categoria heterossexual foi eventualmente cooptada pelos saberes científicos, tornando-se um paradigma de normalidade sexual no século XX e como tal, servindo tanto à processos de legitimação, mas também de exclusão e marginalização de determinados modos de ser. Para tanto, pauta-se em uma revisão teórica arrolada por elementos de trabalhos de Jonathan Ned Katz (1996), Hanna Blank (2012) estudos de gênero (BUTLER, 1995, 2003) e considerações referentes ao discurso de Michel Foucault (1996, 2000, 2001, 2012). Resultante de tal discussão, ambiciona-se evidenciar como a cooptação do conceito da heterossexualidade pelos saberes biomédicos deflagrou a criação de uma taxonomia cientificamente autorizada dos desejos e experiências afetivos/sexuais humanas.

**Palavras-chave:** História da Sexualidade, Estudos de Gênero, História da Heterossexualidade; Heterossexual.

#### INTRODUÇÃO

O discorrido aqui disposto, se relaciona diretamente à algumas das intenções de pesquisa do projeto “Desnudando as Carnes – Representações do Corpo nas Páginas d’ O Rio Nu (1889-1916)”. No citado projeto, proponho o estudo historiográfico dos discursos sobre os organismos humanos veiculados nas páginas do maior expoente<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - PR, [isadora94flores@gmail.com](mailto:isadora94flores@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Ao contrário de seus congêneres que circulavam por em média 2 anos, O Rio-Nú encontrou tração no mercado editorial carioca, mantendo-se em circulação por 18 anos.

carioca da imprensa de gênero alegre<sup>3</sup>: O Rio Nú. Estudo esse, a partir do qual pretendo também discutir, a relação entre as produções de subjetividades e os processos pelos quais as experiências sexuais eram então discursivamente significadas em função dos cânones científicos do seu tempo.

O texto aqui disposto trata-se de um breve empreendimento teórico, no qual, ambiciona-se a composição de uma revisão bibliográfica da formação da heterossexualidade costurada pelas pesquisas dos historiadores Jonathan Ned Katz, Hannah Blank, também recorrendo à considerações de Michel Foucault, Judith Butler e de alguns dos seus leitores.

### **HETEROSSEXUALIDADE: UMA VERDADE CIENTÍFICA?**

Em 2 de agosto de 2011, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou o projeto de lei 294/2005, do vereador Carlos Apolinário, que visava instituir no município, o Dia do Orgulho Heterossexual. O autor do projeto acreditava ser da competência da Prefeitura de São Paulo estimular a população a resguardar o que julgava ser a moral e os bons costumes e para tanto, propôs a citada data comemorativa (DOMINGUES, 2011). O então prefeito, Gilberto Kassaba vetou o projeto sob o argumento de que ao associar a Heterossexualidade com à moral e aos bons costumes, indicava-se ao revés, que a homossexualidade avessa aos mesmos (DOMINGUES, 2011).

Percebe-se no embate instaurado pela tentativa de aprovação da lei e seu posterior veto, como o conteúdo do conceito de heterossexual respondia, inversamente, ao que significa ser homossexual. Nesse sentido, ainda que as implicações morais associadas com ambos demarcadores divirjam nas perspectivas dos políticos, implícito nos posicionamentos de ambos, tanto a heterossexualidade como a homossexualidade figuram como estatutos verdadeiros da condição humana.

Todavia, como afirma o filósofo Michel Foucault (2013, p.54) “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2013, p.54). As práticas discursivas “tomam corpo no conjunto das técnicas, das instituições, dos esquemas de comportamento, dos tipos de transmissão e de difusão, nas formas pedagógicas que, por sua vez, as impõem e as mantêm” (FOUCAULT, 2000, p.241). O discurso seria,

---

<sup>3</sup> Grupo de periódicos pornô-eróticos que circularam no Rio de Janeiro no início do século XX.

portanto, uma prática social. Ou seja, Foucault (2012) propõe que para além de um mero encadeamento lógico de signos que pura e simplesmente representam linguisticamente o real e verdadeiro, o discurso é produzido a partir de procedimentos “externos” e “internos” de controle, seleção e organização.

A crítica foucaultiana à ordem do discurso refere-se, portanto, aos procedimentos que visam o controle de quais discursos são produzidos, por quem são produzidos, e de como se distribuem. Desmobiliza-se, portanto, a noção de irrevocável simetria entre o que o discurso clama representar e os possíveis objetos que efetivamente possam existir. Importante desmobilização para problematizações da diferença sexual e da heterossexualidade como estatutos naturais e portanto, localizados no campo do pré-discursivo, do inquestionável.

Elucidando o caráter historicamente localizado do surgimento do conceito moderno de heterossexualidade e dos discursos que o sustentam como um padrão sociocultural e político de normalidade, Jonathan Ned Katz (1996) e Hannah Blank (2012) expõem como antes de meados do século XIX não haviam pessoas que se identificassem ou mesmo fossem categorizadas como “heterossexuais”, pois o termo sequer existia (aliás, tampouco existia o termo homossexual). Em "A Invenção da Heterossexualidade" Katz (1994, p.91) chega a afirmar que não foi até o século XX, que a heterossexualidade começaria a se firmar como uma sinal estável do sexo normal. Antes disso, o termo era muitas vezes empregado para designar paixões excessivas pelo sexo oposto, tendo sido:

Somente em 1934, heterossexuality apareceu pela primeira vez na grande Second Edition do Webster's como definida do modo moderno ainda dominante. Ali é finalmente uma manifestação de paixão sexual por uma pessoa do sexo oposto; sexualidade norma. A heterossexualidade finalmente atingiria o status de normal (KATZ, 1996, p.100).

Todavia, antes de figurar em tratados biomédicos e psiquiátricos sobre o comportamento sexual humano, os termos “homossexual” e “heterossexual” originaram-se de debates sobre a validade da punição legal de relações sexuais entre dois homens. Hannah Blank (2012, p.43) credita a criação de que tais termos ao austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, que em 1868, os utilizou em cartas e também em panfletos anônimos em que expressava sua contrariedade à punição estipulada pelo Código Penal prussiano para homens que consentissem manter relações sexuais entre si. A arguição de Kertbeny sobre o caráter anti-ético de punir cidadãos denunciados pelo

parágrafo 143 do Código Penal Prussiano de 1851 pautava-se na Declaração dos Direitos do Homem e a produção do jurista Jeremy Bentham (BLANK, 2012, p.44).

No livro, “Straight: The Surprisingly Short History Of Heterosexuality” Hannah Blank (2012) argumenta que embora sempre tenham existido determinadas práticas e comportamentos sexuais estigmatizados e sistematicamente reprimidos, antes do século XIX:

[...] The tendency instead was to think in terms of people who, openly or covertly, occasionally or habitually, engaged in a variety of sexual acts. Some of those acts were more sinful than others. The only sex act that was not considered sinful in the eyes of the Catholic Church was potentially procreative penis-in-vagina intercourse performed within the context of a valid marriage, and even that had to be performed in particular ways and limited to specific times (BLANK, 2012, p.26).

Foucault (2001) localiza em meados do século XIX e início do século XX, produziu-se discursivamente de maneira expressiva a respeito da experiência sexual em sucessivos empreendimentos visando apropriações científicas desta experiência. Leitora de Foucault, Blank (2012, p.32) sustenta que em decorrência das grandes revoluções do século XIX, as cidades cresceram e o valor pouco pragmático do igualitarismo civil no controle das populações tornava-se cada vez mais evidente. De maneira que, para assegurar a produção e o controle da força produtiva, necessitava-se de esquemas sistemáticos, reprodutíveis e universalmente aplicáveis de gestão social que pudessem ser implementados em larga escala de forma que:

By the end of the nineteenth century, Western culture had learned to view sexual desire and activity not as a unified field on its own, but as a collection of specific and distinctive desires and activities, each of which had a role to play in helping to define a specific and distinctive subtype of human being. Many different desires and acts were given official names in this period, making the momentous shift from merely being to being known. As these desires and acts were defined and characterized and written down in the right authoritative ways by the right authoritative people, they were used to help create another set of known entities: sexual types. Of these, the most powerful and important, and certainly the most enduring and culture-altering, were “homosexual” and “heterosexual (BLANK, 2012, p.27-28)

Tendo sido o aparato jurídico parte fundamental do esforço pelo gerenciamento do comportamento sexual dos cidadãos, proporcionalmente, foi imperativa a elaboração de discursos autorizados que ajudassem a apoiar tanto os legisladores, como os agentes da lei em suas intervenções. Para Blank, o avanço do secularismo exigia justificativas



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

laicas para as leis e médicos como Richard von Krafft-Ebing, ao atribuírem status de patologia a “homossexualidade” deram uma roupagem cientificamente autorizada para velhas ortodoxias. O livro de Krafft-Ebing *Psychopathia Sexualis* (1886) foi um índice pioneiro e altamente problemático dos tipos distúrbios do "instinto sexual" e dos tipos humanos sujeitos a eles, uma expressão da febre oitocentista pela inventariação das diferenças que sustentaria as hierarquias racistas e sexistas divulgadas pelas teorizações evolucionistas:

Cataloging and naming human characteristics is but an extension of the principle of cataloging and naming natural objects and phenomena. When nineteenth-century culture began to perceive a need to manage sexual behavior on a civic level, it also had to devise language and concepts with which to talk about them. The language that already existed for doing this lay mostly within the realm of religion—the syntax of sin and sinners, virtue and saints. Neither that language nor the Church authority on which it rested were terribly desirable to the new secular state. The practice of scientific naming provided a logical place to turn. The physical and biological sciences (including medicine) could claim a politically valuable neutrality: the objects that science investigated were not the works of man but the works of nature. Scientists could claim that they merely looked at what was. It was the right tool at the right time. But as we have seen, much might depend on what was chosen for observation and by whom (BLANK, 2012, p.35-36).

Como nos aponta Blank (2012, p.75) a cultura ocidental adquiriu autoconsciência sexual em grande escala, pois a autoavaliação dos sujeitos e sua identificação com a heterossexualidade oferecia maneiras de se defender contra ser marcado como degenerado ou desviante. Segundo André Duarte e Maria Rita de Assis César (2017, p.243-244), com a reelaboração do conceito de sexualidade como um dispositivo disciplinar e biopolítico, Foucault demonstrou o caráter histórico da produção do sexo, tal como o seu funcionamento crucial na composição de um sistema instituído sobre a premissa de uma correlação verdadeira e indissolúvel entre sexo-corpo-desejo:

Numa palavra, uma vez constituído o dispositivo histórico da sexualidade, o sexo (com seus misteriosos desejos, com sua fisiologia complexa, com suas aberrações assustadoras) se tornou uma instância privilegiada de determinação da verdade mais íntima dos sujeitos e de sua classificação enquanto pertencentes à classe das anomalias ou da normalidade, separando-se os indivíduos e as populações entre os que constituem perigos a serem socialmente disciplinados, vigiados,



castigados e os que fornecem o parâmetro para as boas sociabilizações (DUARTE; CESAR, 2017, p.244).

A taxonomia cientificamente autorizada dos desejos colada em curso a partir de finais do século XIX operacionalizou na modernidade domínios de abjeção. Em sua crítica a hipótese de um sistema binário de gêneros construído socialmente sobre sexos biológicos e naturais, Judith Butler (2009) critica a “crença numa relação mimética entre o gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2003, p.24). Para Butler (2003, p.25-26) alocar as diferenças sexuais num domínio pré-discursivo e biológico seria uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas.

Por sua vez, tal estrutura sustentaria a produção de corpos a partir de uma série de dispositivos de regulação da matriz heterossexual compulsória (BUTLER, 2003, p.26). Afinal, a presunção de uma oposição binária e biológica dos sexos acaba por implicar na complementariedade natural entre homens e mulheres. Nesse sentido, Butler (1995, p.15) estipula o próprio sexo como um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo, que se impõe e realiza por meio de práticas altamente reguladas. Isto posto, observemos que a autora propõe a performatividade não como um singular "um ato deliberado", mas como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia (BUTLER, 1995 p.29).

Segundo tal perspectiva, o sujeito, “o corpo que importa” é produzido, nos termos da autora “materializado”, em virtude justamente da “assunção” de um sexo heteronormativo. Em outras palavras, há uma relação direta e estreita entre o processo de assunção de um sexo, a questão à identificação, e aos meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual permite algumas identificações e exclui outras, tornando-as *abjetas*, não-sujeitos de direito e inteligibilidade sociocultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desconstrução da perspectiva da heterossexualidade como o padrão inato da normalidade sexual, demonstra-se um empreendimento oportuno para localizar historicamente, tanto interpretações biomédicas das carnes, assim como, os processos de legitimação e exclusão de determinados modos de ser.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

De forma que, a desarticulação da heterossexualidade como um estatuto da condição humana oriundo de um continuum linear e progressivo de descobertas científicas politicamente neutras, demonstra-se imperativo para a compreensão dos condicionamentos econômicos, políticos e socioculturais que formaram os cânones das interpretação dos corpos e da psique humanos. Afinal, em função também desses cânones, sujeitos foram abjetificados como anormais, mal formados, ameaças à moral e aos bons costumes.

### REFERÊNCIAS

BLANK, Hanneh - **Straight: The Surprisingly Short History Of Heterosexuality.**

Boston: Bacon Press, 2012.

DOMINGUES, Roney. Kassab veta Dia do Orgulho Hétero e diz que projeto é inconstitucional. **G1**, 2011. Disponível em :<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/kassab-veta-dia-do-orgulho-hetero-e-diz-que-e-projeto-e-inconstitucional.html>. Acessado em 01/08/2022.

DUARTE, André; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Crítica e coalizão: repensar a resistência com Foucault e Butler. In: **Revista de Filosofia Aurora**, [S.l.], v. 31, n. 52, maio 2019. ISSN 1980-5934. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/24770>>. Acesso em: 06 fev. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/1980.5934.31.052.DS02>.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites materiais e discursivos do “sexo”**. N-1 Edições. p. 15-53. Disponível em: [https://www.academia.edu/42900612/Corpos\\_Que\\_Importam\\_Bodies\\_That\\_Matter\\_Judith\\_Butler\\_em\\_portugu%C3%AAs\\_pdf\\_at%C3%A9](https://www.academia.edu/42900612/Corpos_Que_Importam_Bodies_That_Matter_Judith_Butler_em_portugu%C3%AAs_pdf_at%C3%A9). Acessado em 01 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber.** 8º edição, Rio de Janeiro, Editora Foureense Universitária, 2012.



IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

. **Microfísica do Poder.** 26ed. São Paulo: Graal, 2013.

KATZ, Jonanthan Ned. **A Invenção da Hetero Sexualidade.** Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.